

## Editorial

A Federação Portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain", O Direito Humano, inicia com este primeiro Boletim Informativo uma nova etapa de comunicação directa a todos os seus membros.

Sendo o trabalho maçónico uma actividade em parte individual, de aperfeiçoamento pessoal ao desbastar a Pedra Bruta, conforme a tradicional frase inscrita no portal do Templo de Delfos, "Conhece-te a ti mesmo" e, por outro lado, uma actividade essencialmente grupal, de experiência e participação directa através do trabalho em Loja, insubstituível e fundamental, tem a maçonaria uma outra particularidade que é a universalidade da condição de maçom. Entre Lojas e entre Obediências reconhecidas, vemos como Irmãos e Irmãs todos os iniciados na maçonaria, sejam quais forem os ritos praticados.

Quer trabalhemos à Glória do Grande Arquitecto do Universo, e/ou ao progresso da Humanidade todos queremos contribuir para a construção da maravilhosa Catedral que é o Grande Templo de uma Humanidade melhor, mais Livre, mais tolerante e mais Fraterna.

Para tal, um dos instrumentos de que dispomos é o trabalho comum sobre temas, ideias ou símbolos escolhido por todos, periodicamente, e todos meditarmos e desenvolvermos a nossa visão, partilhando-a amorosamente com os outros Irmãos e Irmãs da nossa Loja. Depois, de todas as contribuições, cada Loja produz uma síntese, que é a síntese do sentir da própria Loja que, por sua vez, é reunida às restantes sínteses e é então elaborada uma síntese final que é o resultado do trabalho de todos os Irmãos e Irmãs e do debate fraterno que o tema suscitou. Estas conclusões constituem um guia para a nossa acção na sociedade, e muitas das Leis profanas e práticas universais foram um dia uma síntese de vários debates sobre um tema escolhido por um grupo.

Iniciamos, pois, este Boletim com a publicação das sínteses apresentadas na Convenção Nacional de 2009, na Cerimónia de Encerramento, bem como dos votos escolhidos e temas anuais que devemos trabalhar durante este ano maçónico.

Com os votos de um bom trabalho, neste segundo aniversário da nossa Federação, em meu nome e em nome de todos os membros do Conselho Nacional, vos apresento as nossas fraternais saudações.

Pelo Conselho Nacional  
O Presidente

## Nesta Edição:

Editorial	1
Síntese do Tema Simbólico	2
Síntese do Tema Social	5
Votos e Temas 2009/2010	7



## Correio electrónico:

[dhpt@sapo.pt](mailto:dhpt@sapo.pt)

## Página na internet:

[www.droit-humain.org/portugal](http://www.droit-humain.org/portugal)

## Página internacional:

[www.droit-humain.org](http://www.droit-humain.org)



# Síntese do Tema Simbólico 2008/2009

## "O Simbolismo da Caverna"

"Todas as coisas se alcançam com o coração leve." Ramtha

Nas lendas populares, cavernas e grutas são analogamente morada de gnomos, espíritos da montanha e de dragões que defendem os seus tesouros. Estes templos subterrâneos são propícios às iniciações, ao sepultamento simulado e às cerimónias que circundam a imposição do ser mágico. Significam estas analogias que é dentro de si mesmo, na sua própria caverna, que o Homem combate os elementos hostis, ultrapassa dificuldades e emerge vencedor da sua instabilidade cósmica, alicerçado nos princípios intuídos ou que lhe foram passados. A caverna é a imagem deste mundo. A luz indirecta que ilumina as paredes vem de um sol, invisível para quem está dentro, mas indica o caminho de regresso da alma rumo à verdadeira Realidade. Estamos em presença de um simbolismo cósmico e telúrico, épico e ético em que se compara implicitamente este mundo a um teatro de sombras, de cuja ilusão a alma tem de se libertar para atingir a realidade: o mundo das Ideias, dos arquétipos ou da perfeição. Nas tradições iniciáticas gregas, a caverna representa o mundo.

A alegoria da Caverna, tema tratado por Platão há cerca de 2500 anos e exposto no diálogo a *República* narrado por Platão no livro "A República", é talvez uma das mais poderosas metáforas imaginadas pela filosofia, para descrever a situação geral em que se encontra a Humanidade.

Não tendo o homem a capacidade de apreender a Verdade, de atingir o verdadeiro conhecimento, simbolizado pelo sol, pela Verdadeira Luz, limita-se a construir um sistema racional de explicação do mundo baseada em símbolos e projecções.

Projecções que ele assume como verdadeiras. As nossas mentes estão escravizadas a imitações que, desta maneira, confundimos com a realidade. Nesta alegoria, temos uma Caverna, onde vivem os Homens. Estes só viam sombras, as quais julgavam verdadeiras, e as tomavam pelos objectos projectados. No entanto há um que se liberta e sai.

De início não consegue assimilar tudo o que está defronte de si. Só com muita dificuldade, e por fim, é que olhará para o sol. Regressando à Caverna, contando tudo aos outros... ninguém acredita, pensando estar louco.

A imagem simbólica da caverna surge para explicar a caminhada simbólica dentro de nós mesmos, libertando forças recalçadas e esquecidas tornando o perigo de não se ser capaz de controlar a "caixa

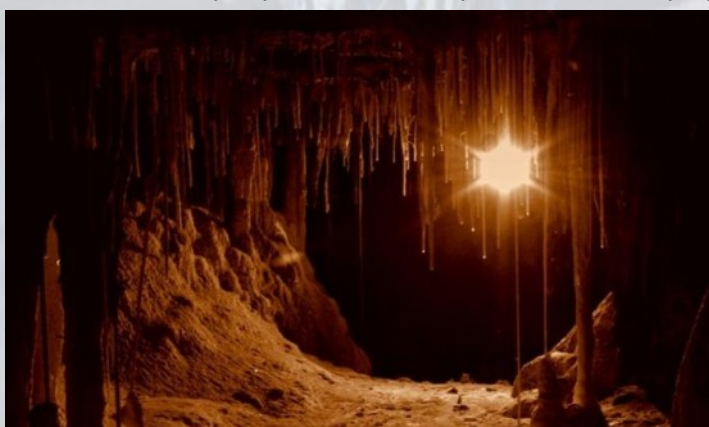
de Pandora" entretanto aberta. E aí como fazer, ou que meios existem para minimizar os efeitos secundários de ter que lidar com as forças do inconsciente entretanto libertadas e encaradas? E uma vez dentro de tal estado introspectivo, como orientar-se num meio marcado pela escuridão e solidão, onde o perigo e os sentidos passam a morar em paredes meias com as forças elementais?

Mas a Liberdade pessoal na escolha do Caminho pertence sempre ao íntimo de cada um,

Afinal, é para isso que cá estamos. Não se recusa uma bela prenda. Ainda que se trate de um ilusório algodão doce que mal se coloca na boca logo se desfaz.

Recorrendo a Hermes Trimegisto: "Assim como em baixo, assim em cima". Não existe nada em nenhum plano que não exista nos outros.

Simbolicamente, a caverna representa o inconsciente, essa profundidade tão propícia à elevação.



Quanto mais o ser mergulha dentro de si, dentro da sua sombra, no local mais escuro e tenebroso da caverna, mais possibilidades tem de conhecer aspectos desconhecidos da psique.

É talvez conveniente ir iluminando progressivamente a caverna, ir tomando contacto com as zonas recém-iluminadas, entrar pé ante pé nas zonas escuras, tacteando,

habitualmente às feras que de nós mesmos escondemos, porque o choque pode ser grande.»

Na iniciação maçónica partimos de uma caverna chamada câmara de reflexão para as provas e daí para a Luz. Ser conduzido até à caverna é ter uma nova oportunidade de um novo nascimento, de um começar tudo de novo, com a convicção de que somos os agentes da prisão e também os da libertação.

Contrariamente à prisão que é fechada por todos os lados, a caverna tem uma abertura para o exterior. Está portanto no meio-caminho entre as trevas vindas das entranhas da terra e a claridade vinda do exterior. Está assim entre a noite da ignorância e os primeiros raios do Conhecimento.

A caverna representa também o local isolado onde o Individuo tem as condições de reflexão, meditação e interação com o seu subconsciente capaz de atingir uma nova fase consciente e conhecedora. Este processo não é isento de perigos, onde o limiar entre a loucura e a sanidade, é diminuto, e onde o silêncio é a norma mais dominante e também de protecção ao mundo externo. Por este motivo, muitas cerimónias de Iniciação começam

relatam histórias de tesouros escondidos nas grutas, esconderijos subterrâneos, etc. Segundo o *Zohar*, é nas cavernas que sempre se descobriram os manuscritos iniciáticos perdidos desde os confins do tempo.

A Caverna reflecte uma lei geral: toda a maturação exige, antes de mais, a obscuridade das profundezas. O grão é metido na terra antes de se tornar planta. O embrião precisa de uma gestação longa no ventre materno antes de completar a sua humanidade. O ouro filosófico dos alquimistas, antes de se realizar, era encerrado no chumbo na escuridão do aludel.

Daqui poderemos encarar a vida e o mundo como uma prisão ou uma caverna. Alguns consideram que tudo é uma prisão, veja-se, por exemplo a filosofia do absurdo de Albert Camus, em que a vida é um absurdo sem qualquer perspectiva de fuga.

Pelo contrário para Salomão este mundo seria uma caverna que desemboca sobre o infinito. A melancolia deste grande rei residiria no facto não do mundo ser fechado, mas no facto de Deus demorar em retirar dele aqueles que aspiram ao infinito.

Quem tem razão? Este mundo é uma Prisão ou uma Caverna, com uma abertura para o ilimitado?

Uma outra analogia com a Caverna é a do *Athanor*, do processo alquímico e a sua correspondência com a Maçonaria. Segundo os alquimistas não é possível operar, com vista à realização da Grande Obra, se os materiais a utilizar não forem primeiro reduzidos à sua matéria-prima.

E esta, seja ela na alquimia operativa ou na especulativa, consiste na operação de despir, retirando tudo o que é imperfeito, nomeadamente paixões, vícios, contradições internas, por forma a que se possa realizar sobre o objecto (indivíduo, metal ou mineral) as fases tendentes à obtenção da obra.

Mas o que nos prende é por agora, ainda, o processo alquímico em si.

E na Caverna esses elementos estão presentes: Negro é a cor da caverna, e nela encontra-se uma caveira.

Esta fase significa a morte do objecto, com vista à sua transmutação.

Enxofre, Mercúrio e Sal, estão presentes na Caverna.

E será pela acção sucessiva destes três elementos sobre a matéria-prima que se obterá a grande obra.

E qual é matéria-prima na Maçonaria?

Relembremos a este propósito a inscrição que existe na Caverna/Câmara de reflexão: As iniciais que formam a palavra *V.I.T.R.I.O.L.*

“*VISITA INTERIORA TERRA RECTIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM*”

Não é difícil perceber que a própria noção de caverna tem uma função preparatória já anunciadora, de reduzir, de despir, de tornar o profano hábil aos processos subsequentes, que depois se realizarão no *Athanor*, ou seja na Loja.

Neste sentido, o maçom não deve esquecer que a sua Loja é também uma oficina e, como tal, um lugar de trabalho, um permanente recordar que deverá trabalhar de forma constante e persistente na construção da obra interna e no aperfeiçoamento das suas aptidões por meio do caminho da busca do Conhecimento.

Isto corresponde ao polir da tosca pedra bruta da nossa matéria indiferenciada até conseguir que esta seja uma obra bela, precisa e acabada.

Há uma caverna muito segura que habita dentro de nós. Essa caverna é o coração. Quanto mais aberto, arejado e confiante, mais seguro se torna, e mais recomendável como sítio para lá se morar. Mas antes é preciso expulsar dele, melhor dizendo, conduzir gentilmente até à porta, o monstro do medo.

É um trabalho que pode demorar anos, o monstro multiplica-se, e até pode não terminar, isso não é o que mais importa, mas algum dia terá de ser iniciado. E só nessa altura temos verdadeiramente o iniciado.

Um dia olhamos à volta e vemos-nos lado a lado com aquele que considerávamos ser o pior dos miseráveis, o mais cretino dos cretinos. Pegamos-lhe na mão e ajudamo-lo a

erguer-se. Pensamos nós. Depois, quando o olhamos enfim de pé, percebemos que afinal foi ele que nos estendeu a mão. É nesse momento da morte de toda a ilusão que o trabalho pode verdadeiramente iniciar-se. Mas não há cores para esses graus. É talvez este o mais doloroso e também o mais glorioso momento: ver a ilusão e viver com ela sem a tomar pelo absoluto.

Afinal, estar aqui pode também ser visto e agradecido como uma dádiva. Esta visita ao reino do físico, das sensações, dos sons, dos cheiros, das cores e dos sabores é para ser apreciada. Se assim não fosse para que teríamos os sentidos físicos? Que os gozemos e nos divertamos com os prazeres que nos proporcionam, sabendo que o todo não termina aí. E que todos têm direito à sombra e à luz, aos prazeres e ao todo.

E respeitando a natureza que também somos nós, coisa que frequentemente esquecemos neste vício da separação em que andamos.



de constrangimento inicial que antecede a descoberta do Eu.

A caverna assume-se, então, como o coração, o centro, o lugar de interioridade, sede de todas as potencialidades. Nela se concentra o saber, mas também a magia, enquanto receptáculo das energias telúricas. Obscuras correntes magnéticas fazem vibrar os espaços no interior da terra. É a Grande Obra que começa. A terra como matéria passiva, suporte da manifestação (yin); o céu, como princípio activo (yang). Entre o céu e a terra, o homem é o elemento de ligação - o sal alquímico.

Demonstrando assim, mais uma vez, que o caminho para a verdade, exige a libertação dos sentidos, fazendo uso da razão, da intuição, dessa inexplicável atracção pela Luz.

O Iniciado, ou Desperto, aceita a dualidade, não restringindo o inconsciente (lado negro) para poder integrar-se como inteiro, ao consciente (lado branco). Como poderia a electricidade manifestar-se sem as cargas negativas e positivas? Acaso poderíamos viver só de dia? Sempre felizes, alienados num mundo de felicidade? O Bem e o Mal são expressões básicas para explicar o que entendemos subjectivamente e que já não se aplica a este nível elevado do Homem Simbólico.

Ele agora, percebe que é o próprio Caronte, e o rio é a sua própria via, o seu próprio caminho, sem imposição de terceiros. Ele passou a ser o condutor, o conduzido e a condução. Está, agora, na jornada rumo à essência divina inerente a si, o Si, pois passou a aceitar-se totalmente como é, livre de quaisquer restrições.



## Síntese do Tema Social 2008/2009

### "A Manipulação das Massas pelos meios de Comunicação Social"

O Homem actual, através do avanço da tecnologia e do conhecimento que desenvolveu nas diversas áreas da ciência, conseguiu uma explicação e um domínio do mundo material que veio facilitar a sua vida e criar-lhe uma ilusão de poder. Esta ilusória segurança fê-lo descurar uma reflexão sobre si próprio e a preocupação pelo seu equilíbrio interior.

O desejo de protagonismo, situação ilusória de auto-estima, pode levar o homem a preferir o prazer do efeito imediato que causa nos outros, ao real prazer da troca verdadeira de experiências, saberes e sentimentos. Ao fazê-lo, privilegia a vaidade, chamando sobre si a atenção do outro, atraído por uma mensagem verbal ou visual que muitas vezes se reduz a uma imagem exterior, imagem essa que se procura sustentar, por vezes com custo, ao longo da vida.

Os media, conhecedores de técnicas de manipulação, são muitas vezes os responsáveis pela transmissão de padrões relativos ao aspecto físico, à posição social, criando objectos de desejo que vêm ao encontro, de forma subtil, da necessidade de afecto e reconhecimento. Os órgãos de comunicação social, ao invés de serem agentes de educação e formação, são, deste modo, manipuladores da realidade social.

De facto, o desenvolvimento das técnicas de consciencialização. Publicidade e marketing, tanto comercial como política, passaram a dominar as sociedades e entram-nos em casa sem pedir licença; impõem-se na nossa vida, definem-nos um estilo que somos levados a adoptar, sem reflectirmos porquê e para quê. E frequentemente criamos uma personagem, da qual nos tornamos prisioneiros e que ocupa mesmo o nosso lugar.

Com efeito, todos nós, sem nos darmos conta, somos diariamente manipulados através da televisão, da rádio, dos jornais e das revistas, tanto pela informação como pela publicidade, situação que constitui um obstáculo à nossa livre escolha.

A manipulação das massas, sobretudo nos nossos dias, parece estar relacionada com a ostentação do dinheiro e do poder, aí se diagnosticando o grave problema desta sociedade em que vivemos.

Na ânsia em querer tudo, deixamos de ver aquilo que realmente nos faz falta - a paz interior e a necessidade de nos esvaziarmos de todos esses objectos supérfluos que nos impedem de ver, de sentir, de fruir o tempo da experiência que nos preenche cognitivamente, emocional e espiritualmente.

A falta de auto-conhecimento cria as condições para a manipulação e a alienação. A ausência de discernimento conduz à ilusão, à ignorância e ao fanatismo. O homem manipula-se a si próprio num processo de louca inconsciência. Como defendia Althusser, no seu ensaio *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, os meios de comunicação social, na sua condição de aparelhos ideológicos de estado têm a função de gerar e manter a reprodução social, isto é, manter o status quo dominante. Na época contemporânea e na

pós-modernidade são os meios de comunicação de massa, jornais, TV, rádio, etc. que se revelam os melhores e mais eficazes aparelhos ideológicos dominantes.

Se o estruturalismo marxista de Althusser nos situa, quanto ao papel e contexto

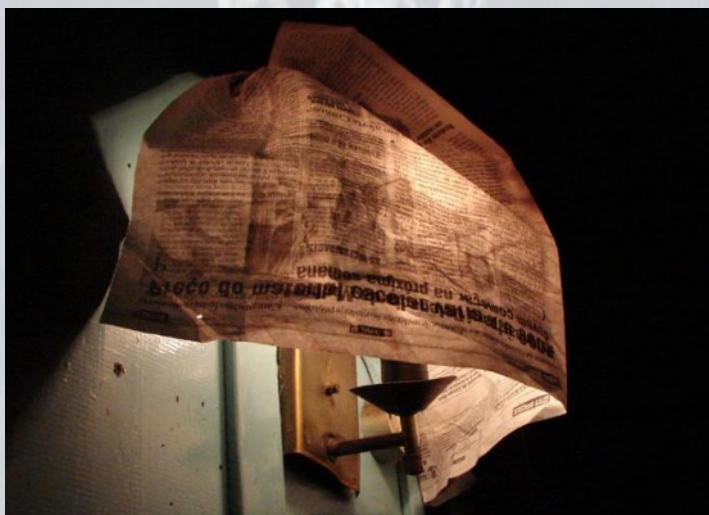
ideológico-político dos mass media é necessário recorrer a outros autores contemporâneos, como o linguista e pensador americano, Noam Chomsky, para melhor percebermos

o papel actual e o modo de actuação dos media na sociedade contemporânea.

No seu trabalho *A Manipulação dos Media*, 1991, Chomsky afirma que a democracia

Do nosso tempo não é uma democracia de homens livres", mas uma democracia de espectadores, uma democracia onde os interesses comuns só podem ser compreendidos por uma elite de "homens responsáveis" - os políticos. As massas, ou o "Rebanho tolo" são demasiado estúpidos para compreender os seus próprios interesses. Se acontece que as massas decidam tomar conta dos seus próprios interesses, é aqui que entra em acção o papel interventor dos media. Se nas sociedades ditatoriais se recorria à força militar para se controlar as massas, nas democracias recorre-se à propaganda e à manipulação. Chomsky afirma literalmente que "a propaganda está para uma democracia como o cacete está para um estado totalitário".

Este processo consiste numa pressão contínua que cria nas pessoas "ilusões necessárias" que as levam a aceitar políticas que



opinião própria. Se cruzarmos a realidade dos media, na actualidade, com a realidade da escola e da indústria dolazer, facilmente daremos conta que existe, a nível mundial, uma estratégia para manter as massas alienadas e acríticas. É este o cenário óptimo para o liberalismo económico capitalista e seus políticos actuarem. A formação da cidadania transformou-se numa reprodução de cidadãos que apenas saibam ler e escrever o elementar, para desempenharem o seu papel de assalariados e consumidores. A este nível estamos a raiar os limites que podem mesmo pôr em causa o nível civilizacional que atingimos.

Por outro lado, os políticos ficam, também eles, reféns deste poder dos media na medida em que têm que dominá-lo para o usarem como instrumento privilegiado da sua acção. Se estão no poder, servem-se dos meios de comunicação do estado; se não estão, tentam a posse dos meios privados - veja-se o caso de Berlusconi na Itália, e Balsemão em Portugal. O poder dos media começou por ser designado pelo 4º poder. Esta concepção

advogava uma concepção progressista do papel dos media. De alguma maneira estes constituíam uma forma de fiscalizar os outros três poderes - executivo, legislativo e judicial. Correspondia a uma visão romântica e optimista, pois funcionaria como um recurso dos cidadãos contra os abusos dos outros poderes. E, de facto, chegou a funcionar como tal, em muitas situações. Muitos jornalistas corajosos pagaram com a vida ou a sua integridade física e moral as denúncias que fizeram. Mas segundo Ignacio Ramonet, director do Le Monde Diplomatique, nos últimos vinte anos desenhou-se uma nova característica e assistimos a um novo alinhamento do poder dos media.

Com a globalização económica liberal este 4º poder perdeu a sua função fundamental de contra poder. De facto, com o desenvolvimento de um novo tipo de capitalismo, agora já não só industrial mas acima de tudo financeiro e, que vive sobretudo da especulação, assiste-se a evidências chocantes. Há um confronto brutal, segundo Ramonet, entre o mercado e o estado, entre o poder económico e o poder político, entre o sector privado e os serviços públicos, entre o indivíduo e a sociedade, entre o íntimo e o colectivo, entre o egoísmo e a solidariedade.

O poder concentra-se em grupos económicos mundiais e empresas globais e esta realidade geo-económica provocou uma alteração decisiva na comunicação de massa. Os meios de comunicação social fundem-se cada vez mais em grupos de comunicação de carácter mundial. As

mudanças tecnológicas e a Internet permitem a expansão destes grupos como cerejas: a New Corps, a Viacom, a AOL Time Warner, a Microsoft, a Telefónica, a France Telecom, etc. As três esferas que antes eram autónomas - cultura de massa, da comunicação e da informação, são agora indistintas e constituem uma esfera gigante e ciclópica. Elas veiculam a difusão de mensagens de todo o tipo, nas quais se misturam televisão, desenhos animados, cinema, vídeo-jogos, CDs de música, DVDs, espectáculos, desporto, etc.

Há duas características novas: primeiro, possuem tudo o que diz respeito a texto, imagem e som, utilizando os canais mais variados - jornais, rádios, TVs generalistas, cabo, satélite, internet e todo o tipo de rede digital; segundo, são grupos mundiais, globais e não apenas nacionais ou locais. O seu peso económico é cada vez maior e através de uma política de concentração e aquisição constante exercem o seu poder sobre os governos no sentido de impedir que as leis proibam a concentração e constituição de monopólios. Assim, a globalização económica acarretou também a globalização dos mass media, da comunicação e da informação. Deixou de funcionar como 4º poder para, com o seu gigantismo, se tornarem uma arma do poder político e económico para "esmagarem" o cidadão.



Perante tal situação, segundo Ramonet, a questão que se coloca em termos de cidadania é a seguinte: Como reagir? Como resistir à ofensiva deste novo poder que traiu os cidadãos e se passou para o inimigo?

A solução está em criar um 5º poder" que oponha a força dos cidadãos à força dos novos senhores dominantes. Um 5º poder"

que denuncie o super-poder dos media, cúmplices e difusores do liberalismo globalizante. Este 5º poder" deverá exigir mais ética, mais verdade e mais respeito pela deontologia dos jornalistas. De modo tal que estes possam agir de acordo com as suas consciências e não em função dos grupos, empresas e patrões que os empregam.

Foi assim proposta a criação do Observatório Internacional dos Media (Media Watch Global) para se poder enfrentar o novo super-poder. Nos dias de hoje em que vivemos uma crise financeira, gerada nas contradições do sistema capitalista e, crise acima de tudo económica gravíssima e de alcance tal que não sabemos onde nos levará, não podemos deixar de citar um grito de esperança no futuro. Um grito que foi já pronunciado pela revolucionária Rosa Luxemburgo, no princípio do século XX, ao antever a realidade negra da lógica capitalista:

- Quanto mais negra é a noite, mais brilham as estrelas.

## *Votos para o Ano 2009/2010*

### *Voto Simbólico*

Que cada membro do DH em Portugal contribua, dentro do seu grau e qualidade, para a formação da egrégora necessária à consolidação da Federação.

### *Voto Social*

Que a superação da crise económica e financeira mundial se traduza numa nova ordem apostada no desenvolvimento e numa distribuição mais justa da riqueza.

## *Temas para o Ano 2009/2010*

### *Tema Simbólico*

Simbologia maçónica e o processo de auto-conhecimento.

### *Tema Social*

A crise como oportunidade de renovação e crescimento.

### *Editor de Publicação*

Manuel Garrido  
mjgarrido@sapo.pt

### *Comissão de Publicação*

Raquel Reininho:  
raquel.reininho@gmail.com  
Ricardo Freitas  
ricardofreitas@gmail.com

